

4 Pensamento X Sentimento

[...] combati, durante cinco ou seis anos, com meu próprio pensamento e o meu próprio sentimento, que me arrastavam para um pessimismo vácuo e para o desespero, [...]

ANTERO DE QUENTAL

Companheiro inseparável de Antero, o seu pessimismo vai se tornar mais acentuado no período compreendido entre 1874 e 1880, quando “adoece gravissimamente em São-Miguel e a crise que nesse momento atravessa, na iminência da morte, pondo-o ‘em face do grande problema da existência’, abre-lhe largamente as portas do pessimismo.” (CARREIRO, 1948, vol.II, p.9)

Dessa característica de sua personalidade, temos notícias anteriores que nos mostram, através de seus poemas, o caminhar tênue do companheiro que, impresentido, já se adivinhava nos poemas escritos entre 1860 e 1862 (dos 18 aos 20 anos, portanto); já se podia perceber essa tendência quando, “assentado entre as formas incompletas”, recebera “o batismo dos poetas” e, para sempre, ficara “pálido e triste” (“Tormento do Ideal”); ou quando se interrogava em “A Germano Meireles”: “Que outro remédio há aí senão ser triste?” e ele mesmo respondia: “Que sempre o mal pior é ter nascido!”; ou, ainda, em “Lamento”, sintetizando seus sentimentos por essa época: “[...] e eu só posso ser triste...”.

Entre 1862 e 1866, continua Antero a descrever, poeticamente, o sentimento que não o abandonava: “Se estou cheio de fel e de tristeza” (“*Mea Culpa*”); acentuando a presença da dor, constante, ao seu lado, em “Acordando”: “[...] a dor / cá vela como dantes, ao meu lado...”; buscando evadir-se através da noite em “Noturno”: “E tu entendes o meu mal sem nome, / [...] / Tu só, Gênio da Noite, e mais ninguém!” e, finalmente, a referência ao, para sempre constante, “O Palácio da Ventura”, símbolo de todo o vazio de sua busca: “Eu sou o Vagabundo, o Deserdado.../ Abri-vos, portas d’ouro, ante meus ais / [...] / Mas dentro encontro só, cheio de dor, / Silêncio e escuridão – e nada mais!”

Se o clímax do pensamento pessimista se encontra entre 1874 e 1880, quando a saúde de Antero sofre um forte abalo, é em 1872, com o surgimento de dois poemas marcantes por sua temática de busca da paz: “À Virgem Santíssima” e o segundo da série

“Elogio da Morte” (“Na floresta dos sonhos, dia a dia...”)⁶, que encontramos o início de sua convivência com Hartmann, através da leitura da *Filosofia do Inconsciente* (1869), que “explicava o mundo pela existência dum espírito inconsciente que tudo regia onipotentemente”(MOISÉS, 1999, p.209)

A leitura de Hartmann “se exerceu inicialmente, em 1872, no sentido da fundamentação do pessimismo, e posteriormente, em 1876, na meditação de uma concepção de religião, especialmente cristã, e na descoberta, crítica, da realidade metafísica”, (CARREIRO, vol.II, p. 53/54), sendo, portanto, responsável pelas influências que transparecem nos sonetos dessa época e nos que despontariam a partir de 1880. Comprova-se esse fato pela delimitação feita por Antero e Oliveira Martins que colocam, limitado por esses dois anos (1874-1880), o quarto ciclo dos *Sonetos*, ressaltando, entretanto que, desde 1872, o sentimento pessimista já se apresentava mais patente, como se encontra na carta escrita por Antero, datada de 18 de janeiro de 1872 e endereçada a Oliveira Martins:

Não estou em estado de nada dizer de pensado e que mereça ler-se, porque tenho passado mal de corpo e de espírito o suficiente para não prestar para nada há dois meses. De corpo, com os meus desarranjos nervosos, insônias; de espírito, atacado por um daqueles períodos de abatimento e indiferença de budista, que são próprios do meu temperamento. Sinto o desejo do Nirvana, senão como um grande contemplativo, pelo menos como um doente. A doença, de um modo ou de outro, é o meu estado normal. Há organizações assim. Tenho um horror instintivo, e como que inato, a todas as idéias que representam a atividade da vida, como plenitude, felicidade, esperança e outras desse teor. (CARREIRO, vol. I, p.399/400)

Destaca-se nesse trecho, a alusão ao “abatimento e indiferença de budista” que, sentindo o desejo do Nirvana, representado pelo “estado de ausência total do sofrimento” (FERREIRA, s.d., p. 974), implora, “senão como um grande contemplativo, pelo menos como um doente” pela paz que, para ele, significava apenas o direito a poder dormir, esvaziando-se, portanto toda e qualquer aproximação com o Budismo, enquanto religião: seu desejo era apenas ter a capacidade de alhear-se dos problemas, típica dos budistas. Foi o que Oliveira Martins denominou “impassibilidade subjetiva: um estado que permite

⁶ Os dois poemas citados encontram-se, portanto, segundo Bruno Carreiro (*Antero de Quental – Subsídios para a sua Biografia*, 1948, vol.I, p.401) fora da ordem em que aparecem nos *Sonetos Completos*.

compreender todas as coisas, analisando-as e classificando-as, sem todavia nos transmitir essa espécie de frialdade do coração, própria dos naturalistas quando estudam uma rocha, uma planta ou um animal”. (MARTINS, s.d., p. 26/27)

Torna-se necessário entender o drama físico de Antero, que o fazia desejar o Nirvana búdico:

O mal mantinha-se ou agravava-se – longos períodos de imobilidade forçada, abatimentos profundos, prostrações, inércia, dores de cabeça, insônias, um esfacelamento completo de todo o organismo, crises repetidas que o prostravam física e moralmente, tornando-o incapaz de qualquer esforço e dando-lhe mesmo, por vezes, a sensação de se encontrar à beira da loucura. (CARREIRO, vol.II, p.36/37)

Pode-se entender, portanto, a feitura de dois sonetos tão sintomáticos como “À Virgem Santíssima” e o segundo da série “Elogio da Morte” que, coincidentemente, à época, recebeu o título de “Nirvana”.

No primeiro, volta-se Antero para seu passado de católico apegado às tradições familiares, recordando-se da “Cheia de Graça, Mãe de Misericórdia”, subtítulo empregado por ele para melhor qualificar a mãe de Deus e que teria sido “composto por um monge da Idade Média (aí pelo século treze), na solidão *soava-austera* do Monte Cassino, um contemporâneo talvez do autor misterioso da Imitação de Cristo, e é dirigido à Virgem-cheia-de-graça do sentimento cristão, [...]” CARREIRO, vol.I, p.401).

Oliveira Martins, no prefácio aos *Sonetos Completos*, refere-se a este poema sem conseguir explicá-lo:

Blasfemar era bom noutros tempos; para a ironia também a idade passou; finalmente, para o *exercício literário* nunca se inclinou a pena que o poeta molhou sempre no seu sangue. Como explicar, pois, o fenômeno? (MARTINS, s.d., p.26)

António Sérgio prefere considerá-lo como uma “evasão para o sonho num colo materno” (SÉRGIO, 1956, p.178), traduzindo-o dentro de um “simbolismo católico”; quanto a nós, preferimos vê-lo como uma tentativa de conquista definitiva da paz tão ansiada por Antero que, mesmo “Num sonho todo feito de incerteza,” denotativo do pessimismo de suas leituras de Hartmann, prefere ver, ao fundo de toda a desesperança, a figura materna e acolhedora da mãe de Deus.

Em relação à mãe simbólica e ideal o poeta sente incerteza, ansiedade, pois finalmente, mais do que piedade, encontra nela tristeza. Para além desta, vê na mãe ideal “um místico sofrer”, “a paz da nossa hora derradeira”. [...] Antero mostra o seu apego à mãe, [...] mas um apego, uma veneração acompanhados sempre de sentimentos agônicos e de desespero, pois nele existe uma convicção inabalável que jamais poderá trazer a mãe para uma interação, uma ligação, com significado e afeto recíproco. No final exclama:

Ó visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

((LUZES, P. 1992, p. 53/54)

No segundo poema da série “Elogio da Morte”, encontramos o poeta frente à “experiência do grande vazio da existência e da falta de sentido num mundo petrificado e gelado pela ciência” (SANTOS, 1993, p.120), retratado pelos versos: “Atravesso, no escuro, a névoa fria / Dum mundo estranho, que povoa o vento,” que nos remetem à filosofia de Hartmann, o “filósofo alemão contemporâneo, que, desesperando de encontrar a razão última do Ser no insuficiente naturalismo da filosofia moderna, se lanç[ou] nos sonhos insondáveis do sentimento religioso primitivo.”(CARREIRO, vol.I, p.402). É este “sentimento religioso primitivo” que Antero denomina “desejo do Nirvana”, considerando o encontro, no poema, de “alusões e aproximações e uma lucidez racional, que destoam da simplicidade profunda e do concretismo dos videntes antigos e só convêm à sutileza sábia dos neo-budistas”: (Ibidem, p.402)

Que místicos desejos me enlouquecem?
Do Nirvana os abismos aparecem
A meus olhos, na muda imensidade!
(QUENTAL, 1956, p.212)

António Sérgio prefere, como já foi dito, agrupar os versos anteriores por temas e cria, para isso, o Ciclo do Sentimento Pessimista, juntando todos os sonetos que versam sobre esse assunto, independentemente do ano em que foram escritos, fugindo, assim, à elaboração do percurso poético a que nos propusemos.

Com observações de ambos os autores, tentaremos destacar, nos poemas dessa época, sua característica comum: o pessimismo, que recebeu de nosso poeta uma

explicação magistral: “o pessimismo não é um ponto de chegada, mas um caminho. É preciso passar por ele, mas justamente para sair dele.” (CARVALHO, 1955, p.161)

Na tentativa de *sair* dele é que Antero vai percorrer esse caminho, curvando-se aos próprios caprichos e desejos, norteando seus sentimentos para usá-lo como uma voz confessional sua, para buscar no meio das crises que se seguiram, uma tentativa racional para o que se passava dentro dele, deixando transparecer em vários versos a confissão imorredoura de uma fé latente.

Data de 1874 (março, talvez) a carta a Oliveira Martins onde, após uma grave crise de “aspectos alarmantes”, escreve-lhe Antero:

Estou realmente bastante doente e com poucas esperanças de melhora, antes com todas as probabilidades de progressiva agravação. É o curso natural das coisas; e não serei eu, além de naturalista, idealista, que me insubordinarei vãmente contra a ordem santa das coisas. Percebe o que quero dizer: “*spiritus quidem promptus est*”. V. leu o famoso capítulo do Proudhon na *Justiça*, sobre o assunto: e eu tenho tudo aquilo no espírito, com o corretivo ainda do misticismo-estóico que é o meu fundo. Já vê que tenho viático para a viagem e que as coisas se hão de passar dignamente. Assim, pois, basta sobre isto. Não sei ainda quando chegará a hora: é possível agora (é até o mais natural nesta ordem de desorganizações) que se demore ainda bastante. V. entretanto receberá a seu tempo as minhas *solemnia verba*.

(QUENTAL, 1948, vol.II, p.16)

Desta carta se tiram conclusões possíveis para registro, por essa época, do pensamento de Antero: a morte não o amedrontava, podendo chegar a qualquer momento; seu pensamento mantinha-se consciente do que poderia vir a acontecer e seu “misticismo-estóico” continuava presente a despeito de tanto sofrimento.

A esse misticismo que, nesse momento, pela proximidade da morte, se refere Antero, versam os poemas feitos entre 1874 e 1880, dos quais destacamos alguns onde se torna evidente essa característica.

Em “Disputa em Família” encontramos, segundo António Sérgio, (SÉRGIO, 1956, p.244) a “ironia transcendente” de que nos fala Oliveira Martins, no prefácio dos *Sonetos Completos*. Essa ironia, caracterizada por esse autor como “uma das formas conhecidas do saber e uma das linguagens da verdade” (SÉRGIO, p.53), é utilizada por Antero para fazer-nos ouvir um diálogo entre membros de uma mesma família: Jeová e seus filhos rebeldes, a humanidade. Assim, sob o véu da ironia, focaliza-se o novo Deus do período pós *Odes Modernas*, quando este se mostra diverso do Deus de seus pais; esse novo Deus que, “

enjoado ou distraído, / Deixou matar seu filho no Calvário,” não pode ser o mesmo Deus que ele aprendera a amar, pois este, se quisesse, poderia ter evitado tanto sofrimento aos homens, afinal: “Muito antes de nascerem vossos pais / Dum barro vil, ridículas crianças, / Sabia eu tudo isso ... e muito mais! –”

Nesse soneto, a imagem de Deus é desmistificada, sendo apresentada como “[...] o velho tirano solitário, / De coração austero e endurecido,” que “sai das nuvens, levanta a fronte e escuta / O que dizem [s]eus filhos rebelados,” apresentando em seu “rir estranho” a ironia, “linguagem da verdade”, isto é, o Deus proveniente do pessimismo anterior e que o fazia ver as coisas como elas realmente eram: esse Deus é o oposto de tudo o que ele aprendera a amar: é tirano, astuto, impassível, terrível; adjetivos que antecipam o seu fim último: a solidão. Destaque-se o adjetivo *solitário*, que, nos dois poemas o qualificam.

Em “O Inconsciente” é novamente num diálogo que Antero busca soluções para seus problemas. Se em “Disputa em Família” as respostas vêm do próprio Deus, neste, a força dessa presença contínua, manifesta-se através de um “espectro familiar” que – diz o poeta – “anda comigo”, “espreito e sigo”.

Torna-se patente, nesse poema, o sentimento de mal estar provocado pela presença que, dificilmente encarada, incomoda a ponto de ser odiada e amada (“Fantasma a quem odeio e a quem amo?”). Sua presença, temida e constante, coloca o poeta frente a si mesmo, ao seu íntimo, que ele prefere não encarar: esse “espectro antigo”, “vulto ascético e composto”, “fantasma”, onipresente e onisciente, incomoda-o e concretiza-se na figura espectral das imagens que traz dentro de si. Interpelado pelo poeta, responde-lhe, no último terceto, mas sua resposta só faz crescer a dúvida que o persegue: “Teus irmãos (respondeu), os vãos humanos, / Chamam-me – Deus, há mais de dez mil anos... / Mas eu por mim não sei como me chamo...”

A figura, ainda amada, permanece dentro dele, nos meandros da antiga fé, recolhida em seu inconsciente, lá está o seu Deus primitivo que, mesmo não se conhecendo, não sabendo quem é, nele permanece.

Em “Divina Comédia” Antero situa homens e deuses num mesmo plano: o da dúvida, quando, estarecidos, ambos se indagam: “Por que é que nos criastes?”

Ao sentimento de espanto e revolta humanos, junta-se a impotência e a tristeza dos deuses que, recriminando os homens por sua criação, resumem sua mágoa maior.

Cumpra notar o plural usado por Antero: não se trata do Deus de sua tradição familiar, e sim, de deuses, seres saídos da imaginação dos homens que, no seu plural, conotam a idéia do Deus único; afinal, Deus ou deuses não têm respostas para a sua imensa busca.

Segundo António Sérgio, há, também nesse poema a classificação de “humorismo transcendental”, usada por Oliveira Martins: trata-se de uma “Divina Comédia”, cujos participantes, homens ou deuses, não conseguem saber a que vieram, acusando-se mutuamente por essa incapacidade.

À impotência divina diante da dor, do pecado, do mal, da guerra, responde o pessimismo de Antero, frente à constatação de que, criados pelos homens, os deuses nada podem fazer, sendo, para sempre, “Deuses impassíveis”.

Repetindo a temática de “O Inconsciente” e “Divina Comédia”, isto é, a do Deus que não sabe quem é, nem a que veio, em “*Ignotus*” procura-se esse espírito por toda parte, sem o encontrar.

De grande beleza plástica, destaca-se nesse poema, o cenário pintado pelo autor: “Por Céu, por mar e terras procuramos / E só a própria voz na imensidão / Fatigada nos volve...”, remetendo-nos a grandes espaços vazios, preenchido apenas pelo eco da própria voz humana; acentua-se, ainda, o cansaço extremo em que se encontram os homens na busca desse “Espírito que enche a solidão”: “a voz enrouquece”, “o coração / Está cansado – e já desesperamos...”, “a própria voz na imensidão / Fatigada...”; assim como os homens, Deus também já se cansou na busca de uma explicação para sua existência: “– Não vos queixeis, ó filhos da ansiedade. / Que eu mesmo, desde toda a eternidade, / Também me busco a mim ... sem me encontrar!”

Cumpra notar que, refletido no cansaço humano e no do Espírito, o que realmente se observa, é o grande estado de desânimo do poeta: ele percebe a presença do “espírito antigo”, mas a falta de respostas aproxima-o do desespero: “... e já desesperamos...”, contrastando com o aparente tédio de Deus para quem somos, apenas, “filhos da ansiedade”.

Em “*Quia Aeternus*”, Antero, desta vez, sozinho, brada a Deus, pedindo provas da sua onipresença. O Espírito não se manifesta e o poeta consegue impor o seu pensamento em relação à certeza que tem: embora a Filosofia pregue sua morte, ninguém conseguirá

dissipar anos de crença, apenas porque alguns assim o desejam: “Não se sacode assim tão facilmente / O jugo da divina tirania!”

Deus tudo vê, irônico e triste, impassível perante o estrondoso vozerio de filósofos e pensadores que, pregando a vitória da Razão, se inebriam na certeza de que a morte de Deus foi comprovada: “Clamam em vão,...”

No primeiro terceto, o poeta volta-se para esse espectro que o persegue, acusando-o: “[...] és o tormento / De quantos sobre os livros desfalecem.” É o permanecer da eterna busca que, agora, racional, chega-lhe através do “Pensamento”, que, entretanto, continua a encará-lo “como dantes.”

No segundo terceto, “os que folgam na orgia ímpia e devassa,” “ao erguer a taça”, ainda em tal momento, “estremecendo, empalidecem!”, como que a dar-se conta da *Presença*.

Em “O Convertido”, Antero permanece encarando a possibilidade de uma entrega total a Deus, embora continue sem encontrar soluções para problemas tão cruciais.

Se, nos seis primeiros versos, se coloca entre os que pertencem a um “século maldito”, que “sob o folgar” sente que, em si, “geme a tristeza / Duma ânsia impotente de infinito”, é na segunda estrofe, nos dois últimos versos, que aparece a dúvida em relação à aparente certeza: “Mas, um dia, abalou-se-me a firmeza, / Deu-me rebate o coração contrito!”, isto é, o sentimento falou mais alto e surgiu a necessidade de voltar a crer; essa mudança de rumo, entretanto, vai contra os princípios racionais que norteavam seu pensamento e, dessa disputa entre o seu *sentir* e o seu *pensar*, nasce o segundo terceto, iniciado por uma imensa carga emocional contida no verbo *amortalhar*: o que ele sente em relação a Deus, é uma intuição, um pressentimento a que ele, já cansado da busca, resolve entregar-se, condicionalmente, pois tem consciência de que ainda precisa provar a sua existência.

A Fé, então, passa a servir de mortalha ao seu raciocínio, uma mortalha capaz de ajudá-lo a achar a paz tão desejada na “inércia e esquecimento...”

Mas, é no último verso que se encontra a ironia trágica (diríamos), percebida na escolha do adjetivo que dá título ao poema: a dúvida sobre a existência de Deus permanece, tornando vãos todos os bons propósitos: “Só me falta saber se Deus existe!”

Podemos dizer que o pessimismo, característico desse período, transformou o ceticismo de Antero, dando-lhe o tom irônico apontado com veemência por Oliveira Martins. Essa ironia transcendental serviu, em grande parte, para ajudar a que percebêssemos seu forte desejo de manter em si, por quaisquer meios, a presença de Deus.

Esse fato, quando visto pelos olhos da crença total, põe em relevo aquilo que sua sofrida existência tentava em vão ocultar: a necessidade de crer, que poderia ajudá-lo a minorar a crise pessimista que dele se apossou, e que o levou pelos caminhos evasionistas da busca de Deus.

Afinal, não se torna tarefa das mais fáceis erradicar do *pensamento* o *sentimento* que, a princípio partícipe e depois questionador, transformou Antero no “crente sem crença”.